



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MATILDE GONÇALVES MENDES

**PEDAGOGIA DOS PROJETOS:
UMA PROPOSTA DE MUDANÇA NA EDUCAÇÃO**

CAJAZEIRAS - PB

2008

MATILDE GONÇALVES MENDES

**PEDAGOGIA DOS PROJETOS:
UMA PROPOSTA DE MUDANÇA NA EDUCAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Antônia Lis de Maria Martins Torres.

Professora Ma. Maria de Lourdes Campos.

CAJAZEIRAS - PB

2008



M538p Mendes, Matilde Gonçalves.
Pedagogia dos projetos: uma proposta de mudança na
educação / Matilde Gonçalves Mendes. - Cajazeiras, 2008.
53f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2008.
Não disponível em CD.

1. Pedagogia dos projetos. 2. Interdisciplinaridade. 3.
Atividades pedagógicas. 4. Pedagogia- retrospectiva
histórica. I. Torres, Antônia Lis de Maria Martins. II.
Campos, Maria de Lourdes. III. Universidade Federal de
Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V.
Título

CDU 37.013.2

MATILDE GONÇALVES MENDES

**PEDAGOGIA DOS PROJETOS:
Uma proposta de mudança na educação.**

Monografia aprovada em 03/04/2008

Maria de Lourdes Campos

Professora Ms. Maria de Lourdes Campos

Cajazeiras – PB

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

**Aos meus pais, Antonio e Eulália que serviram
de base em toda minha formação (Dedico).**

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

AGADECIMENTOS:

À Deus por me dar coragem e serenidade para concluir este trabalho;

A meus irmãos; Cirlene e Adriano;

Às professoras Ms. Antônia Lis de Maria Martins Torres e Maria de Lourdes Campos que colaboraram para a concretização desta etapa tão importante na minha vida;

A todos os Professores do curso de Pedagogia, considerados, verdadeiros mestres em minha formação acadêmica;

Aos alunos da 2º serie da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Galdino Pires Ferreira;

Aos professores do turno matutino da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Galdino Pires Ferreira;

A equipe que compõe a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Galdino Pires Ferreira;

Às minhas amigas de residência;

Aqueles que indiretamente fizeram parte do processo da minha formação.

**A primeira chave da sabedoria é uma
interrogação continua. Não é inútil duvidar de
cada coisa. De fato, quem duvida é levado a
procurar, quem procura captar a verdade.**

(Aristóteles)

SUMÁRIO:

1 RESUMO.....	8
2 INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I	
3 RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA PEDAGOGIA.....	11
CAPÍTULO II	
4 PEDAGOGIA DOS PROJETOS: Uma proposta em discussão na escola.....	18
CAPÍTULO III	
5 O TRABALHO DOCENTE NA PESRPECTIVA INTERDISCIPLINAR.....	22
5.1 Projeto temático.....	25
6 FORMAÇÃO E ESTÁGIO.....	29
6.1 – Procedimentos Metodológicos.....	29
6.2 – Caracterização da escola, Campo de estágio.....	30
6.3 – Análise dos dados.....	31
6.4 – vivencia e praticas docente.....	37
7 CONCLUSÕES.....	43
8 REFERÊNCIAS.....	46
9 ANEXO.....	48

1 RESUMO:

O estudo da temática Pedagogia dos Projetos, teve como objetivo investigar o papel da Pedagogia dos Projetos dentro do espaço escolar. Neste sentido busca-se analisar e compreender o trabalho do professor a partir desta proposta pedagógica. O estudo realizado através de observações, entrevistas, questionários e intervenções práticas, permitiu uma compreensão maior acerca das dificuldades de como educadores e educandos envolvidos na Pedagogia dos Projetos podem trabalhar. A nossa pretensão com este trabalho é antes de tudo despertar a reflexão de como podemos desenvolver um trabalho a partir dessa proposta pedagógica, analisando quais atitudes pode-se tomar para desenvolver um trabalho na perspectiva da Pedagogia dos Projetos. O nosso interesse é contribuir com o trabalho na sala de aula, realizando um trabalho integrado entre professores e alunos. Acredita-se que um trabalho desenvolvido nesta perspectiva pode vir contribuir no processo de ensino e aprendizagem, logo, ela oportunizara a construção do conhecimento de forma autônoma e até prazerosa na medida que docentes e discentes trabalhem interagindo seus deveres e saberes. Evidenciamos, portanto, como o trabalho subsidiado por projetos oportuniza uma maneira de pensar a função da escola pensar, a educação articulada com a realidade social. Diante disso demonstra-se importância de buscar melhorias para a ação docente e um ensino valorizando as capacidades intelectuais dos alunos.

Palavras – chave: Pedagogia dos Projetos, práticas docentes, ensino – aprendizagem.

2 INTRODUÇÃO

A proposta de trabalho de caráter integrador concilia-se com o discurso propagado a cerca da Pedagogia dos Projetos, na medida em que essa oportuniza os alunos e professores a trabalhar na produção de conhecimentos juntos. Conforme os defensores desta proposta Hernandez, 1998; Nogueira, 2001 e Almeida, 2002 a Pedagogia dos Projetos vem possibilitando a prática de uma pedagogia transformadora, o que se torna uma proposta contrária ao ensino tradicional e a uma educação conteudista, criando uma articulação dos conhecimentos. O aluno, a partir dessa proposta pedagógica passa a ser um indivíduo capaz de transformar-se e transformar o seu meio.

A Pedagogia dos Projetos é considerada uma proposta interessante à medida que possibilita o trabalho docente envolver-se com o seu público-alvo, os discentes, tornando-os capazes de produzir seus próprios conhecimentos, o que vai de encontro com a exigência de formar cidadãos críticos, ativos e autônomos. Neste sentido, a Pedagogia dos Projetos vem auxiliar o professor no processo de ensino e da aprendizagem na medida que busca reunir os conhecimentos prévio do aluno para a construção do novo, e o mais interessante é que o aluno é o sujeito protagonista.

Desse modo, sentimos a necessidade de compreender de forma mais esclarecida como se efetiva o trabalho dessa “nova” fase da Pedagogia. Portanto, realizaremos nosso estudo na escola da rede publica de ensino Municipal Galdino Pires Ferreira onde observaremos o trabalho dos professores das series iniciais. Neste sentido investigaremos como acontece a pratica pedagógica na perspectiva da Pedagogia dos Projetos? Como ocorre o processo de aprendizagem dos alunos a parti da Pedagogia dos Projetos? De que modos são elaborados e desenvolvidos os projetos na escola? Qual autonomia que os decentes possui na elaboração dos projetos e em seus desenvolvimentos? A Pedagogia dos Projetos é apenas um discurso nas escolas e/ou uma exigência das secretárias municipais de educação?

A finalidade deste estudo é oportunizar descobertas no processo de ensino, contribuir para uma mudança significativa que segundo Hernández (1998), é uma proposta inovadora que poderá ser considerada como transgressora na educação, algo que não possui um fim em si mesmo, nas que é um processo inacabado.

Nesse sentido, o educador se defronta com o desafio de inovar, de mudar seus métodos no intuito de atender às exigências da nossa sociedade, além de ser desafiado a trabalhar integrado as diferentes áreas do conhecimento, um trabalho que requer troca dos indivíduos envolvidos, sobretudo, que o aluno torne-se o sujeito ativo, capaz de fazer uma construção autônoma de seu conhecimento. Portanto, percebe-se a necessidade de um trabalho integrado de professores e alunos e as diversas áreas do conhecimento.

Assim, é necessário o desenvolvimento de uma proposta de caráter interdisciplinar que leve os alunos a participarem, um trabalho em que professores e alunos interajam juntos. Neste sentido, cabe ao educador mediar e considerar o seu espaço de trabalho, ou seja, a sala de aula de maneira válida, compreendendo-a como um cenário de múltiplas culturas e diversos conhecimentos a serem integrados, algo que extrapole os conteúdos disciplinares.

Diante das questões levantadas, esboçamos um perfil de ensino realizado na escola que nos servirá como objeto de pesquisa. Neste contexto, para seqüenciar e organizar nosso estudo apresento os capítulos: A Retrospectiva Histórica da Pedagogia tem o propósito de acompanhar as transformações no processo de ensino em meio aos acontecimentos e mudanças que ocorreram na sociedade por meio de dados históricos. No segundo capítulo, a Pedagogia dos Projetos: uma proposta em discussão na educação possibilita compreendermos a pedagogia dos projetos, como uma proposta antiga e não como esta proposta vem se solidificando ao longo dos anos. No terceiro capítulo, o trabalho docente na perspectiva interdisciplinar, possibilita-nos a acompanhar a eficácia desta proposta no processo de ensino e aprendizagem. No quarto capítulo, formação e estágio, aborda os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho; aplicação de questionários com questões abertas e fechadas; vivências e experiências, a partir da observação e inferências nas atividades práticas.

3 RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA PEDAGOGIA.

Em meados do século XX, ocorreram muitas modificações na pedagogia, foi nesse período que se redefiniu a identidade dessa ciência da educação, tratando-se de uma revolução no saber educativo, o que na visão de Cambi (1995, p. 597), “O que deve ser lembrado é que o saber pedagógico se pluralizou, articulou-se no seu próprio interior dando vida a uma serie de competências Setoriais que dissolveram a figura o pedagogo [...]”.

Nesse sentido, a Pedagogia passou-se, á ciência do saber plural, tratando-se de uma revolução no saber ‘fechado’ para abrir-se às transformações e as novas descobertas da educação entra em um ‘ponto de não retorno’, o que oportunizou fases de modificações no processo da educação.

Segundo ainda o autor, a Pedagogia entrou em declínio como saber fechado quando passou a utilizar-se de saberes especializados, assumidos como ciências auxiliares, desse modo a Filosofia, a Sociologia, dentre outros saberes auxiliaram a necessidade de enfrentar os conflitos e a complexidade dos fenômenos educativos, à medida que tornou a ciência da educação com métodos e objetivos próprios, trabalhando a partir da autonomia de cada saber para atender a sujeitos submetidos a formas e métodos tradicionais e a instituições formativas.

A Pedagogia alinhou-se a concepções ideológicas vinculadas à Guerra Fria. Essas se mantinham a Oeste envolvida na defesa de princípios de democracia liberal, trabalhando a partir da autonomia do indivíduo e da liberdade dos povos, e a leste uma Pedagogia de Estado, vinculada ao marxismo arraigado em um caráter dogmático.

Cambi (1999) aborda o desmontamento da Pedagogia como saber institucionalizado, retirando os valores autoritários, a serviço da sociedade, vista pelo autor como espelho regulador de ideologias. Coloca ainda, que a Pedagogia torna-se um saber voltado para a emancipação do sujeito, da libertação do homem como um individuo pensante que reflita sobre seus atos e vivencias sociais. Desse modo, a escola cresce socialmente através da alfabetização da massa e do submetimento em difundir a cultura desinteressada, que forma e nutre a inteligência e o indivíduo, e ainda para criar perfis profissionais. Portanto, são duas instancias conflituosas que articulam e alimentam os debates relacionados a identidade da escola.

Diante disso o autor expressa a construção de uma identidade pedagógica de saberes necessários. Historicamente, a Pedagogia passou por fases transitórias, por mudanças significativas no cenário político pedagógico.

O cenário das lutas político-pedagógicas da primeira república, segundo Ghiraldelli (2001), foi basicamente formado pelas contribuições das três correntes pedagógicas, ou seja, a Pedagogia Tradicional, a Pedagogia Libertária e a Pedagogia Nova. Essas vertentes ligadas a setores sociais distintos, a Pedagogia Tradicional mostrava-se associada às aspirações dos intelectuais que eram ligados as aspirações dos intelectuais que eram ligados as oligarquias dirigentes e a igreja. Nesse sentido, é visível a influencia da Pedagogia Jesuítica na Pedagogia Tradicional.

A Pedagogia Tradicional trabalha com preceitos educacionais deixados pelos jesuítas, os responsáveis pelo ensino no Brasil por mais de 200 anos. Suas diretrizes educacionais eram dadas pelo Ratio Studiorum, que era uma organização e o plano de estudos da companhia de Jesus, Publicado em 1599. Segundo o autor, a Pedagogia do Ratio Studiorum baseava-se em um trabalho unificado, ou seja, na unidade de professor que precisava trabalhar com a mesma metodologia e o conteúdo estudado devia contemplar poucos autores, e os contemplados, que fossem ligados aos pensamentos da igreja. Ghiraldelli (2001, p. 20) afirma.

O Ratio Studiorum determinava uma disciplina Rígida, o cultivo da atenção da atenção, da perseverança nos estudos - traçados de caráter considerados para o cristão leigo e, mais ainda, para o futuro sacerdote. O principio fundamental era a acumulação, tanto Individual como coletiva aliada a uma hierarquização do corpo discente baseada na obediência e meritocracia.

Conforme o autor, a Pedagogia Tradicional no Brasil teve muita influencia dos jesuítas, porem, ressalva que não está correto afirmar a identidade tradicionalista entre identidade jesuítica. A Pedagogia Tradicional originou-se das teorias pedagógicas modernas americanas e alemãs, buscando a essência comum no herbartismo.

Na verdade o herbartismo era um paradigma da Pedagogia Tradicional laica, montado na figura do filosofo alemão Johan Friedrich Herbart. Essa foi fase da Pedagogia teve um grande impacto nos EUA já na transição do século XIX para o século XX e não tardou para adentrar no Brasil. Ao adentrar o país, logo conquistou o bom senso dos professores da época. Desse modo, o principio geral do herbartismo era incentivar a psicologização da educação. Portanto,

para como o suíço Johann Heinrich Pestalozzi, incentivaram á tendência de “psicologizar a educação”.

Para Ghiraldelli (2001), a Pedagogia herbartiana foi considerada intelectualista, pois partia do principio da indisolução dos termos educação e instrução. Ghiraldelli (2001, p. 22), colabora dizendo:

Para Herbart, o que existia era a instrução, pelo contato com modelos literários, artísticos, científicos e filosóficos que, uma vez no papel de conteúdos escolares, deveriam educar as novas gerações colocando-as em contato com o patrimônio cultural das gerações passadas.

Herbart foi considerado de fato o autor da idéia da “Pedagogia como ciência da Educação” com a proposta da aprendizagem consubstanciada. Ghiraldelli (2001 p. 22).

“Os ‘cinco passos’ Preparação, apresentação, associação, generalização e aplicação, indicavam um modo razoavelmente simples e fácil de conduzir o processo da aprendizagem, e esta foi uma das condições técnicas essenciais para o seu sucesso e disseminação entre os professores”.

Segundo o autor, a aprendizagem por esses passos formais de introdução proposto por Herbart foi seqüenciado o desenvolvimento do caráter em três estágios. No primeiro estagio o individuo priorizava a sensação e a percepção. A impulsividade e os caprichos das crianças deviam ser contidos e a emotividade seria forte. Após esta fase o individuo estaria apto a atingir o estagio onde privilegiaria a memória e a imaginação, sendo que, nesta época a criança é capaz de receber uma educação sistemática. Só entrar no ultimo estagio, este individuo torna-se capaz de receber julgamentos e criticas universais. A instrução nesta fase passa a formar e conformar a vontade do ser.

Para Ghiraldelli (2001), a psicologia herbartiana não prioriza o ‘desejo’ e a ‘vontade’ como autônomos, mas que apareciam como resultados das atividades intelectuais, responsável pelas idéias e apresentações do ser.

A Pedagogia Tradicional, mesmo tendo importantes expoentes não permaneceu ilesa por toda a primeira republica. Porem no inicio do século a partir dos anos 20, foi fustigada pela Pedagogia Libertaria, esta por sua vez, em meados dos anos 20 passou a ser combatida sistematicamente pela Pedagogia Nova.

A Pedagogia Libertaria esteve associada às primeiras organizações do proletariado urbano no Brasil. Segundo o autor, as agitações, os boicotes e as greves da época oportunizaram um clima de proliferação da imprensa operaria que acabou sendo responsável pela divulgação das teorias pedagógicas vinculadas. Desse modo, esteve ligado a imprensa os recém criados sindicatos, considerados responsáveis pela criação de 'escolas operarias' de 'escolas modernas', onde buscavam experimentar o sentido desta fase pedagógica.

Das varias concepções pedagógicas libertarias que adentraram ao Brasil, a que mais prevaleceu foi o pensamento do educador Francisco Ferrer y Guardia. Suas idéias acabaram conquistando educadores da classe média militante do ensino oficial. Ghiraldelli (2001), destaca que a Pedagogia Libertaria não se mantinha envolvida com a sociedade existente, mas desenvolvia-se no sentido de transformar o ensino, voltado para a construção de um novo ser e de uma nova sociedade. A este respeito Freire (1981, p. 81) afirma:

“A educação como pratica de liberdade, ao contrario daquela que é pratica da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens”.

O ideário libertário almejava uma sociedade anarquista-comunista, sem divisão de classe e sem a centralização do poder. Neste sentido, Ghiraldelli (2001) ressalta que, fazia-se necessário sucumbi a tríade, capitalismo, estado e igreja, pos remetia a velha sociedade tradicional e capitalista.

De acordo com a Pedagogia Libertaria, a educação oficial baseava-se no dogmatismo, mesmo sendo de cunho religioso ou laica impedia as crianças de desenvolverem seu lado critico. Em contra partida a pedagogia libertaria propunha diretrizes que emancipassem o indivíduo. Estes se uniram aos princípios que emergiam das chamadas 'escolas modernas'.

A escola moderna não era gratuita, mas adotou o sistema de receber o sustento de forma diferenciada de cada família. A Pedagogia Libertaria foi trazida ao Brasil pelas mãos dos imigrantes que vinham trabalhar no país. De acordo com o autor, é sabido que através da imprensa vinculada ao movimento operário da 1ª república, que foram: a educação integral, esta por sua vez esteve ligada ao nome do anarquista Paul Robin, que acabou não tendo muito êxito. A segunda manteve-se ligada diretamente ao pensamento e as obras de Ferrer. Esta

vertente contribuiu diretamente para a origem das escolas modernas no Rio, São Paulo, Porto Alegre, Belém do Pará e em outros Estados.

Conforme Ghiraldelli (2001), a partir de meados dos anos 20 a Pedagogia Libertária começara a ter impactos com a intensa repressão dos movimentos sindicalistas. Em pouco tempo o pensamento libertário perdia o posto de interlocutor frente à Pedagogia Tradicional. Portanto, a Pedagogia Libertária começara a ser sufocada dando espaço ao novo ideário, agora pautado na Pedagogia Nova. A esse respeito Ghiraldelli (2001, p.26) diz: “[...] A Pedagogia Nova se apresentou na forma de um pensamento educacional completo, na medida em que compreendia uma política educacional, uma teoria da educação e de organização e metodologias próprias”.

Apresentando um caráter diferente da Pedagogia Tradicional que se caracterizava por um corpo teórico homogêneo, a Pedagogia Nova pautava-se nas experiências distintas. As inúmeras experiências educacionais no final do século XIX e no início do século XX afirmam e registram o surgimento do escolanovismo. Segundo o autor, John Dewey foi sem dúvida um grande expoente desta fase da Pedagogia Liberal (escolanovismo), e a partir dos textos de Dewey e de outros escolanovistas europeus começou a conquista dos jovens intelectuais brasileiros.

Neste sentido, a divulgação da Pedagogia Nova no Brasil se deu no interior da crescente influência cultural norte-americana, chegando na esteira das modificações sociais no país. O movimento da Escola Nova enfatizou os métodos ativos do ensino e da aprendizagem, dando a prioridade à liberdade da criança e o interesse do educando, assim, o ensino deixava de centrar-se na figura do professor e a criança como o centro do processo educacional. No contrário da psicologia herbartiana, a psicologia voltada ao escolanovismo deweyano buscava condições básicas para o início do processo de aprendizagem. Ghiraldelli (2001, p.27) corrobora dizendo:

A Pedagogia Nova não se reciclou apenas no decorrer da sua divulgação e penetração fora de seu berço. Internamente, ou seja, em seu próprio leito natural, a Pedagogia Nova foi se transformando e se adaptando aos desenvolvimentos da sociedade capitalista.

Portanto a Pedagogia Nova não se modificou apenas no momento de sua divulgação, mas as adaptações advinham desde seu surgimento para adaptar-se as exigências da sociedade

capitalista. Por outro lado, a aceitação da Pedagogia Nova em relação as esquerdas também se deu através das reinterpretações e reorganizações como no caso dos escritos de Paulo Freire e da Pedagogia Libertadora, que ao criarem uma espécie de escola nova popular acabara radicalizando o pensamento escolanovistas, buscando uma teoria educacional que favorecesse as classes populares.

Ghiraldelli (2001) ressalta que em meio a movimentos de radicalização como este, surge a Pedagogia Libertadora que floresceu a partir da conformação superestrutural da época. Teoricamente, acabou sendo forjada por três ideários muito presentes no início dos anos 60. De um lado pautava-se no nacionalismo desenvolvimentista, de outro, no pensamento social da igreja, e por último, a vertente propriamente pedagógica, o escolanovismo, que por sua vez acabou dominando a intelectualidade liberal no fim dos anos 50.

De acordo com o autor, a Pedagogia Libertadora contou com Freire como grande expoente, que por sua vez, via o homem como sujeito autônomo capaz de construir sua própria história. Portanto esta nova fase da Pedagogia deveria então, forjar uma nova mentalidade, trabalhando a conscientização do homem como capaz de ser sujeito. Freire (1981, p.77) afirma:

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

A Pedagogia Libertadora colocava a educação convencional como uma “educação bancária”, educação esta, que se mantinha numa “ideologia de opressão”. Segundo Freire (1981), a “educação bancária”, a educação era o mero ato de depositar o saber, era a transferência de saberes e valores. Freire (1981 p.67):

Na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.

De acordo com Ghiraldelli (2001), a Pedagogia Libertadora centrava a idéia de que todo ato educador também é um ato político, o que se mantinha contrário à ideologia da educação bancária. Portanto, chegava a hora do homem sujeito problematizar as suas próprias situações, o que promovia a “consciência ingênua” para a tomada da consciência crítica. Freire (1981

p.36): “A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos”.

Assim, a educação é emancipada ao sujeito. Para Ghiraldelli (2001) não bastava o pensar crítico, mas a ação social transformadora o que consideraria como a “práxis social” da libertação do homem. Portanto, a realidade de forma consciente, se efetuará por completo quando “educador-educando” e “educandos-educadores” conseguissem interagir juntos em busca de um processo de transformação social.

4 PEDAGOGIA DOS PROJETOS: UMA PROPOSTA EM DISCUSSÃO NA ESCOLA

As próprias educativas e Escolas, segundo Hernandez (1998), fazem parte de um sistema de movimentos culturais com propostas que podem ter êxito quando articulados com as necessidades da sociedade e dos problemas educacionais. Os projetos podem ser considerados como práticas educativas que por sua vez, conseguiram destaques em diferentes períodos: nos anos 20, 70 e na década de 80.

Nos anos 20, o propósito do trabalho com projetos tenta aproximar a Escola a vida diária a partir da noção de atividade, com princípio de uma Escola ativa, onde os alunos passam a ser capazes de aprender de forma participativa a partir da realidade de seu cotidiano. Para o autor, é um enfoque que se opõe a uma Escola compartimentada que em 1910 Dewey descrevia como oprimida por seu caráter disciplinar fragmentado e desconexo, baseado na repetição ou na autoridade. Em contra partida o método de projetos não era uma sucessão de atos desconexos, mas atividades coerentes na qual cada um dos envolvidos acrescenta o seu conhecimento de um modo cumulativo com o propósito de solucionar a atuação-problema.

Conforme expressa Hernandez (1998), a partir de meados dos anos 60 surge um novo fluxo de interesse sobre o trabalho com projetos, desta vez com o nome de 'trabalho de temas'. Hernandez (1998), ressalta que este novo interesse estava entrelaçado a expressão econômica, a Guerra Fria e a outros diversos conflitos, que acabava coincidindo com as propostas de Piaget sobre o desenvolvimento da inteligência e o papel da aprendizagem de conceitos.

O trabalho por tema oportunizava conduzir alternativas centradas em facilitar o desenvolvimento e a aprendizagem na sala de aula. Na visão de Hernandez (1999 p.69):

A noção de conceito-chave era uma metáfora que abria o caminho para delimitar uma série de eixos conceituais a partir dos quais se poderia facilitar a compreensão e a aprendizagem das disciplinas e dar pautas para escolher os materiais que podiam contribuir para melhorar o ensino.

Logo, o interesse nesta forma de trabalho acabou levando a uma outra noção a qual chamou de 'estrutura das disciplinas'. De acordo com o autor, cada disciplina possui uma série de conceitos já construídos ao longo de sua existência. Assim é possível verificar que várias disciplinas possuem alguns conceitos-chave comuns, oportunizando um estudo de caráter interdisciplinar. Deste modo, o autor nos revela que o ensino por meio de temas oportuniza os

alunos a aprenderem através de estratégias e experiências vinculadas com seu cotidiano, o que possibilita ultrapassar os conhecimentos disciplinares. Hernandez (1998, p.70) afirma: “O ensino através de temas repetidos servirá como medida para ir além das disciplinas, facilitando aos alunos a aprendizagem de conceitos e estratégias vinculadas as experiências próximas e interessantes para eles.”

Nos dias atuais observa-se a relevância em torno do trabalho a partir de projetos, os chamados trabalho por temas na década de 70. Segundo o autor, na década de 80 surgiu um novo destaque para dois fenômenos que foi o impacto da revolução cognitiva na forma de compreender o processo de ensino - aprendizagem e as mudanças de concepções a respeito do conhecimento através das informações que as novas tecnologias traziam na época. Esses dois fatos junto a outros acontecimentos econômicos da época estabeleceram uma séria de mudanças na educação escolar, sendo que uma delas era a perspectiva construtivista na aprendizagem, a idéia de que novos conhecimentos surgiram a partir dos conhecimentos pré-existentes.

Um outro aspecto que o autor considera importante é situar os conteúdos a partir da realidade cultural que se trabalha, para com isto, haver uma interação dos alunos e professores e a comunidade, que por sua vez também se torna o público-alvo.

Percebemos que o conteúdo disciplinar necessita se configurar por meio de uma variedade de linguagens, ou seja, da forma oral, escrita e gráfica, que se trabalhe ainda, de forma audiovisual, oportunizando a compreensão de outras realidades, para Hernandez (1998 p72): “[...] a aprendizagem não se contempla como uma seqüência de passos para alcançar uma meta na qual se acumula informação, mas sim como em processo completo mediano o qual o conhecimento se rodeia e situa para aprendê-lo”.

Hernández (1998), relaciona o êxito do trabalho com a facilidade de conecta-los com os fundamentos psicológicos das propostas curriculares, propostas que possuem princípios de uma visão globalizadora dos conteúdos. No entanto, o autor ainda faz ressalvas a outras visões cognitivas e psicologistas, visões que se mantém relacionadas com a revisão do sentido do saber escolar, fazendo um enfoque maior sobre a compreensão da realidade pessoal e cultural de discentes e docentes.

O autor ainda aborda os projetos de trabalho que requer repensar, a natureza da escola e do trabalho desenvolvido por ela, o que requer ainda, uma organização mais complexa, uma compreensão maior das matérias e dos temas trabalhados, tornando o professor em mediador da aprendizagem.

Para Hernández (1998) na cultura contemporânea é essencial que o indivíduo possa compreender o meio em que está inserido e que também seja capaz de ter acesso, saber analisar e interpretar o turbilhão de informações que são repassados a todo instante.

Freire (1996, p. 136) afirma: “Viver a abertura respeitosa aos outros e de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da aventura docente”.

Desta forma, cabe a escola o compromisso de facilitar o aproveitamento num processo inacabado, o que nos leva as formas mais elaboradas do conhecimento. Nesta perspectiva Hernandez (1998, p. 79), afirma:

Na educação escolar (desde a escola infantil até a universidade), supõe-se que se deva facilitar esse aproveitamento, nem processo que começa, mas que nunca termina, pois sempre podemos ter acesso a formas mais complexas de dar significado á informações.

Portanto, o ensino mediado por projetos, segundo o autor, faz parte de uma tradição nas escolas que favorecem a pesquisa da realidade e o trabalho ativo dos alunos. Porém, muitas escolas acabam confundindo o ato de projetar com os alunos, com outras modalidades de ensino como uma unidade didática, e segundo Hernández (1998), as duas práticas possuem características bem semelhantes, porque fazem parte de tradições educativas que recolhe propostas da escola nova que se relaciona com o papel da atividade e do estudo dos alunos, vinculando-se a Dewey e a sua idéia de importância da aprendizagem cultural.

Nesta perspectiva, a grande semelhança que o trabalho com projetos possui com as demais modalidades de ensino e trabalha com alunos sendo uma figura ativa. Segundo o autor, o que realmente defere o trabalho com projetos de modalidade de ensino é que a aprendizagem do aluno é realizada a parti de um percurso não fixo, mas que serve de “fio condutor” pra a importante atuação do professor em relação aos alunos. A este respeito Hernández (1998,p. 81), colabora dizendo que:

Ter-lo presente serve de ajuda, de pista de referencia sobre o que significa um projeto quanto a dialogo e negociação com os alunos, atitude interpretativa do docente, critérios para a seleção dos temas, importância do trabalho com diferentes fontes de informação, relevância da avaliação como atitude de reconstrução e transferência do aprendido [...].

A compreensão do autor sobre o projeto, é que não se trata de uma metodologia isolada, mas de uma forma compreensiva do sentido de ensinar. Neste sentido, Hernández (1998) ressalta que a finalidade do ensino é fazer com que os alunos possam compreender as informações que lhes são dadas, transformando-as em conhecimento, promovendo o aluno a compreensão dos problemas investigados. Hernández (1998, p. 87), diz: “Esta atitude diante do conhecimento favorece a interpretação da realidade e do antidogmatismo. Esta é talvez, a conclusão de todo esse percurso, e uma das finalidades do trabalho por projetos”.

Os projetos de trabalho organizam um planejamento de ensino e aprendizagem que mantêm-se ligado a uma concepção de escolaridade em que o importante é o papel do aluno enquanto sujeito capaz, responsável por sua própria aprendizagem e enfrentando problemas reais e deste modo, buscar possibilidade de investigação de um tema vinculado a idéias – chave e metodológicas de diferentes disciplinas o que caracteriza um trabalho interdisciplinar.

Portanto, os projetos de trabalho implicam um comportamento, um tratamento diferente do aluno sobre seu próprio “rendimento” de aprendizagem, além de oportunizar o professor assumir a postura de um eterno aprendiz.

Assim Freire (1996, p. 39), afirma que “por isso é que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”. Neste sentido, o trabalho docente nesta perspectiva oportuniza uma abertura para os conhecimentos e os problemas que circulam fora da escola e que extrapolam o currículo básico, configurando-se como um processo de intensa construção tornando o aluno “peça – chave” para a construção autônoma do seu próprio conhecimento.

5 O TRABALHO DOCENTE NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

No cenário educacional atual, uma das temáticas discutidas é o trabalho pedagógico a partir de projetos. Trabalhar por meio de projetos, segundo alguns estudiosos da área (Almeida, 1999; Hernández, 1998; Nogueira, 2001), oportuniza um envolvimento com a prática cotidiana, possibilita uma aprendizagem participativa e ativa dos educandos. Portanto, não é um ensino com respostas prontas, mas que possibilita a utilização das próprias experiências dos sujeitos envolvidos. Para Hernández (1998, p. 49, 50):

No entanto, começam a ser elaboradas algumas alternativas propostas pelos docentes que tentam, com seus alunos, aprender de outra maneira, centrado-se em problemas relacionados com a sua cultura e com sua realidade, e que podem ser objetos de pesquisa.

Baseando-se nesta afirmação, o autor mostra que a Pedagogia de Projetos é uma proposta que possibilita o professor repensar sua prática, portanto, seu trabalho por meio de projetos requer mudanças na concepção de ensino e aprendizagem e consequentemente na postura do professor.

Hernández (1998, p.43), enfatiza que o trabalho pedagógico subsidiado por projetos “não deve ser visto como uma concepção puramente metodológica, mas uma maneira de pensar a função da escola”. Esta é uma concepção necessária, pois, há aqueles que buscam apenas conhecer os procedimentos e métodos para desenvolver projetos, e segundo o autor, acabam frustrados por não haver um modelo ideal para dar conta da complexidade de uma sala de aula. Para realizar a mediação pedagógica, o professor necessita acompanhar o processo de aprendizagem do aluno. O trabalho nesta perspectiva de projetos envolve professores e alunos em um trabalho coletivo.

O aluno passa a ser sujeito do seu próprio conhecimento, sendo que este expõe suas dúvidas, pesquisa e cria relações que buscam novas descobertas, constrói e reconstrói conhecimentos. Nesta perspectiva, concordamos com Almeida (2002 p.58):

[...] que o projeto rompe com as fronteiras disciplinares, tornando-as permeáveis na ação de articular diferentes áreas do conhecimento, mobilizadas na investigação de problemáticas e situações da realidade. Isso não significa abandonar as disciplinas, mas integrá-las no desenvolvimento das investigações, aprofundando-as verticalmente em sua própria identidade, ao mesmo tempo, que estabelecem articulações horizontais numa relação de reciprocidade entre elas, a qual tem como pano de fundo a unicidade do conhecimento em construção.

Em virtude das atividades serem elaboradas por alunos e professores, um dos principais objetivos propostos pela Pedagogia de Projetos é promover a aprendizagem por meio de descobertas próprias e ainda promover a interação de professores e alunos em sala de aula.

Cabe ao professor estimular o aluno a tomar consciência das suas dúvidas, nesta posição o professor localiza-se no papel de mediador do processo de desenvolvimento do aluno. A respeito disso Valente (1999, p.4) acrescenta:

[...] no desenvolvimento do projeto o professor pode trabalhar com [os alunos] diferentes tipos de conhecimentos que estão imbricados e representados em termos de três construções: procedimentos e estratégias da resolução dos problemas, conceitos disciplinares e estratégias e conceitos sobre aprender.

Assim, os projetos devem contribuir para uma resignificação dos espaços de aprendizagem que se voltem para a formação dos sujeitos tornando-os ativos, críticos, reflexivos e atuantes.

Gadotti (2003, p.16) ressalta que o aluno precisa construir e reconstruir seus conhecimentos a partir do que faz e para isso o professor também precisa ser curioso, buscando sentido na sua prática e destaca que: “Em resumo, poderíamos dizer que o professor se tornou um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um organizador da aprendizagem”.

A mediação do professor tornou-se fundamental, pois, ao mesmo tempo em que o aluno precisa reconhecer sua própria autoria no projeto, precisa ainda sentir a presença do professor questionando, orientando, contribuindo na construção do conhecimento do aluno.

Segundo Prado (2005), a mediação cria situações de aprendizagem permitindo o aluno a fazer mudanças no projeto, uma vez que os conteúdos envolvidos precisam ser sistematizados para os alunos poderem familiarizar os conhecimentos colocados em ação. O trabalho dentro desta proposta pedagógica integra as diferentes áreas do conhecimento e enfatiza a possibilidade do aluno recontextualizar aquilo que aprendeu, estabelecendo relações significativas entre seus conhecimentos.

Deste modo, o aluno resignifica seus conceitos, bem como as estratégias usadas na solução de problemas de investigação que originou o projeto e com isso amplia seu universo de conhecimentos.

Segundo Nogueira (2001), vale salientar que um projeto necessariamente precisa ter um caráter interdisciplinar, pois muitos professores desenvolvem projetos direcionados à uma única disciplina, o que não deixa de ser interessante, mas ressalta que acredita que um projeto que tenha um caráter interdisciplinar tenha mais eficácia no processo de aprendizagem.

Para esclarecer a idéia de projeto interdisciplinar, o autor faz um breve histórico para evitar confusões que geralmente acontecem nas escolas sobre a prática destes projetos. Quando esta idéia de interdisciplinaridade invade o espaço escolar na década de 70, deixa professores e coordenadores sem saber como agir precisavam de alguma forma praticar essa “novidade”. Sendo assim, a Pedagogia de Projetos parecia suprir de alguma forma essa necessidade, então, era só criar os chamados projetos temáticos de forma solitária.

Nogueira (2001), ressalta ainda, que sem muitas pretensões na elaboração de um histórico aprofundado da interdisciplinaridade, mas com o propósito de situar-nos, faz uma organização teórica a partir dos trabalhos de Fazenda nas décadas de 70, 80 e 90 (FAZENDA, 1998 apud NOGUEIRA, 2001, p.121), “70 – procura uma definição de interdisciplinaridade; 80 – tentativas de explicar um método; 90 – em busca de uma teoria da interdisciplinaridade.”

Para Nogueira (2001), a interdisciplinaridade vem a ser o grande sonho de todo educador, que após algumas tentativas acabam se frustrando e voltando ao seu cotidiano disciplinar. Na verdade, para trabalhar a interdisciplinaridade é preciso uma postura aberta a tudo e a todos, aos saberes e não saberes.

Nesta posição, o autor afirma que deve haver o reconhecimento do não-saber diante dos seus pares e afirma que sem a postura humana de reconhecer que não sabe, o professor não busca o auxílio aos demais especialistas e acaba inviabilizando a troca de informações, chegando ao final do projeto desenvolvendo trabalhos isolados em seus gabinetes.

É importante pensar sobre a concepção de projeto de forma unilateral, frisa Nogueira (2001), sem a cooperação de toda comunidade escolar, dificilmente um projeto alcançará os objetivos interdisciplinares e acaba sendo apenas mais um sonho de alguns que são capazes de enxergar além das paredes da sala de aula.

Hernández (1998, p.64) corrobora com essas idéias chamando projeto de trabalho o enfoque integrador da construção do conhecimento que transgredir o formato da educação tradicional,

de transmissão de saberes selecionados pelo professor uma proposta contrária a uma educação conteudista, criando uma articulação dos conhecimentos.

Os projetos de trabalho supõem, do meu ponto de vista, um enfoque de ensino que trata de ressituar a concepção e as práticas educativas na Escola, para dar resposta (não 'A resposta') às mudanças sociais, que se produzem nos meninos, meninas e adolescentes e na função da educação, e não simplesmente readaptar uma proposta do passado e atualizá-la.

Os projetos oportunizam professores e alunos ir além de respostas prontas e acabadas, algo capaz de integrar a construção do conhecimento de ambos envolvidos, sem estar arraigado a conteúdos disciplinares e métodos tradicionais.

Para Nogueira (2001) trabalhar na perspectiva de projetos traz uma preocupação de os projetos serem vistos como mais um modismo na educação. Neste sentido, quase todas as escolas dizem trabalhar por meio de projetos sem de fato ter o conhecimento sobre trabalho desta natureza, fazendo o professor conduzir atividades que não condizem com o ato de projetar, como afirma Nogueira (2001, p76) "Qualquer cartaz pendurado na parede com desenho de três patinhos já é denominado: Projeto Animais – reduzindo desta forma um projeto à mera elaboração de cartazes". Nesta perspectiva, percebe-se a preocupação que a autora tem com a visão reducionista do conceito de projetos, a limitação do termo, a junção de atividades programadas e realizadas por alunos.

5.1 Projeto Temático

Segundo Nogueira (2001), os projetos temáticos geralmente são elaborados pela coordenação pedagógica da escola, um trabalho de caráter unilateral. Aparentemente estar tudo certo, pois o projeto está pronto para ser executado. Trabalhando desta forma, o trabalho por meio de projetos acaba perdendo seu referencial, deixando de ser processo coletivo.

Para o autor, é impossível a idéia de alguém elaborar sozinho um projeto se considerando o ato da elaboração como uma realização de projetos, de sonhar. Portanto, não é compreendido como a coordenação pedagógica poderá projetar os interesses e necessidades dos alunos.

Deste modo, o autor não quer impedir a coordenação pedagógica de realizar o ato de pensar sobre, mas destaca que o ato da elaboração do projeto é um processo coletivo. O autor ainda

ressalta que em muitos projetos temáticos desenvolvidos nas escolas, existe uma falta de conhecimento por parte dos professores sobre o ato de projetar. Nogueira (2001, p.78) afirma: “Por não ser uma prática ainda bem trabalhada e contextualizada pelos professores, a coordenação pedagógica se vê no papel e com o direito então de realizar sozinha todo o planejamento, inclusive das ações do projeto, cujo tema também foi decidido por ela”.

O trabalho por meio de projeto passa a ser apenas um repasse de atividades, que a coordenação determina aos alunos desenvolverem com seus professores e que os professores acabem executando atividades sem fazer inferências no que já foi decidido, anulando a autonomia que caberia o professor e alunos exercerem diante de um trabalho desta natureza. Na visão de Nogueira (2001), os projetos temáticos não conseguem somar todos os problemas da escola e nem tudo será realizado a partir deles, mas acredita que os projetos podem ampliar as possibilidades de trabalhar os conteúdos, oportunizando ir além dos conceitos e possibilidades a articulação das diversas áreas do conhecimento.

O autor ressalta que o verdadeiro projeto não se detém em pequenas atividades. Assim, é importante conhecer e saber fazer uso do verdadeiro conceito de projeto para não usar expressão em situações impróprias.

Os projetos aparecem ao autor, como verdadeiras fontes de investigação de pesquisa e criação. Portanto, um projeto temático não precisa ser desconexo da programação disciplinar, na verdade, oportuniza um trabalho mais dinâmico e melhora os “velhos conteúdos”, focando o trabalho do aluno, e ainda possibilitando a observação individual de cada aluno. Nogueira (2001, p.81) ilustra que:

[...] o projeto ainda pode propiciar diferentes mecanismos de trabalho, o processo da aprendizagem não só na área cooptara, mas também na motora, quando colocam o corpo para resolver determinadas situações-problemas, assim como nas áreas afetivas, sociais, emocionais ao buscar equilíbrio e desenvolvimento das inteligências.

Com base nesta afirmação, o projeto pode auxiliar na formação do sujeito, possibilitando o desenvolvimento nas diferentes áreas, formando amplamente o indivíduo. A estruturação de um projeto perpassa por algumas etapas que servirão para auxiliar os alunos a desenvolver seus conhecimentos oportunizando-os ir além da aquisição de conhecimentos dos conteúdos específicos que sejam trabalhados no projeto, segundo Nogueira (2001) um projeto segue etapas, sonhos, utopias e necessidades individuais dos envolvidos. Esta etapa seria melhor de

iniciar um projeto, pois é a partir destes pontos que se retira toda a carga de interesse do aluno.

Após o trabalho inicial que é a escolha do tema e do conteúdo, será exigida uma estruturação, o que significa que necessitará de um planejamento por parte do professor e dos alunos. O autor corrobora dizendo que esta etapa tem um grande gasto de tempo e que é um momento que os professores encaram como aqueles planejamentos educacionais corriqueiros, mas não é esta a proposta. Isso ocorrerá naturalmente para o aluno a partir do momento em que começam a dizer os seus anseios, suas curiosidades e vontades. Segundo o autor é fundamental para o aluno planejar e afirma que, Nogueira (2001 p.85):

O ato de planejar é de extrema importância para os alunos, pois de alguma forma eles sempre esperam que disséssemos de qual cor eles deveriam pintar o céu; e quando partimos para uma atividade que trabalha a autonomia, eles podem sentir-se perdidos, se não estruturarem suas ações.

Desta forma o autor mostra que o planejamento é de suma importância para a formação dos alunos e quer este planejamento pode sofrer alterações ao longo do desenvolvimento do projeto. Quando o professor percebe que os alunos já “concluíram” esta fase, passa adiante para uma outra etapa importante que a execução do projeto.

Para Nogueira (2001), esta é uma fase que o aluno rompe a sua passividade. Esta fase torna-se indispensável à presença do mediador (o professor), pois ele vai auxiliar na disponibilidade de recursos e na articulação das atividades como também é o momento de se mostrar integrado a equipe de trabalho, que realmente está envolvido no projeto. Esta, por sua vez, é considerada a etapa que requer mais dedicação e de maior aproveitamento, já que espera que o interesse de todos os envolvidos, seja uma constante, pois quanto maior o interesse pelo trabalho, melhor será o desenvolvimento do projeto.

Muitos projetos ao terminarem estas duas fases mencionadas, chegam ao seu término, sendo esta uma atitude que impossibilita uma análise, uma reflexão de tudo o que já foi concretizado. No entanto, deve haver a fase de refletir as atividades, esta é a chamada de depuração, como diz Nogueira (2001, p85) “Nesta questionamos os alunos sobre tudo o que já foi realizado até então sobre suas produções, se estão satisfeitos, se poderia ser feito mais alguma coisa que não estava planejada, se existe alguma coisa desnecessária, etc”.

Com isto, o autor nos revela que esta fase oportuniza o aluno a realizar a autocrítica das suas produções fazendo com que estes investigadores saibam que é possível reelaborar, replanejar o que já foi feito. Quando ocorre o cumprimento desta fase, o professor auxiliará os alunos a uma outra etapa, que é o momento de expor o resultado, possibilitando a equipe mostrar suas descobertas, suas hipóteses e suas conclusões. Nogueira (2001), ressalta que enquanto expositores terão a oportunidade de comunicar-se com os demais envolvidos da comunidade.

Terminando este momento da apresentação do projeto é hora de avaliar todas as etapas até agora realizadas, possibilitando uma análise dos possíveis erros, os quais não deverão ser vistos de forma “traumática” como geralmente existe no método avaliativo tradicional (prova), mas sim, como algo que pode ser melhorado, momento que oportuniza reavaliar as ações realizadas.

O autor mostra que a partir dessas avaliações, dos questionamentos que envolvem todas estas fases do projeto, torna-se possível à criação de novas hipóteses e novas descobertas.

6 FORMAÇÃO E ESTÁGIO

6.1 Procedimentos Metodológicos

Esse estudo foi realizado na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Galdino Pires Ferreira, na cidade de Cajazeiras/PB, com a finalidade de atingir os seguintes objetivos:

- Investigar como acontece a prática pedagógica na perspectiva da Pedagogia dos Projetos.
- Compreender o processo de ensino e aprendizagem a partir da Pedagogia dos Projetos.
- Analisar a Pedagogia dos Projetos como apenas um discurso nas escolas e/ou uma exigência das secretárias municipais de educação.

Nessa perspectiva trabalhamos objetivando esclarecimento de dúvidas a cerca do trabalho docente na perspectiva da Pedagogia dos Projetos. A esse respeito Sá (1998, p.21) expressa:

[...] uma vez escolhido tal fenômeno para pesquisar, o objeto de pesquisa não fica com isso automaticamente estabelecido. A passagem da apreensão intuitiva da existência de um fenômeno para a prática da sua investigação envolve uma transformação, que estamos chamando aqui de 'construção do objetivo de pesquisa'. Fenômeno e objeto de pesquisa não são, pois, termos equivalentes.

Investigamos os sujeitos da amostra, professores e alunos, buscando esclarecimentos da prática pedagógica desenvolvida na referida escola com o propósito de conhecer o objeto da pesquisa de maneira que este oportunize conhecermos como se efetiva o trabalho docente nessa proposta pedagógica. Por ser trabalho científico e investigativo é eminente ao seu desenvolvimento a realização de uma pesquisa de campo, pois à medida que começamos a desenvolver um tema, vamos nos familiarizando com a leitura existente, a esse respeito (Matos, 2000). Há uma abertura de um diálogo, uma sintonia entre nossa proposta de reflexão e o material já disponível por outros pesquisadores. Portanto há uma seleção do material para leituras e registros de conteúdos em forma de fichamentos para auxiliar a investigação.

Esse é um estudo que busca encontrar informações diretamente do público-alvo, tendo um caráter de uma pesquisa de campo que exige do pesquisador um contato direto com os investigados. Ainda foi utilizado para subsidiar a investigação o processo de observação na sala de aula, uma sala de 2ª série do Ensino Fundamental I. Tais observações serviram como subsídio para fazermos as devidas inferências no local investigado. Essa investigação

consubstancia-se em um estudo quantitativo e qualitativo, na medida que foi utilizada como coleta de dados o questionário. Este foi aplicado com o propósito de compreender como os professores da referida escola interpretam o trabalho pedagógico por meio de projetos em sua prática docente.

A pesquisa quantitativa remete a explanação de medidas reais e faz uso constante de dados estatísticos. A pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão do fenômeno considerado o novo significado que outros pesquisadores atribuem as suas práticas. Nesse sentido, o processo de investigação é social e nos possibilita depararmos com o sujeito investigador e o sujeito investigado. Portanto, é impossível o sujeito investigador não se subjetivar ao objeto pesquisado. (Matos, 2002), as possibilidades e o prazer de construir o conhecimento a partir do ato de pesquisar não se torna abstrato, ao contrário, requer cuidados e procedimentos específicos diante da realidade que pretendemos investigar.

6.2 Caracterização da escola campo do estágio

A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Galdino Ferreira da cidade de Cajazeiras, localizada numa periferia, na Rua Dr. Vicente Leite 109 no Bairro Capoeiras. A Escola foi criada por Epitácio Rolim, surgiu para atender a necessidade da população carente do referido Bairro em 31 de agosto de 1970 e foi registrada em 30 de julho de 1990 pelo prefeito Antonio Vitoriano de Abreu. Atualmente a Escola conta com o núcleo de gestores composto por coordenadores, diretores, professores e ainda contempla um público alvo de 294 alunos, tendo funcionamento em dois turnos, matutino e vespertino.

Para enfrentar essas dificuldades a Escola planeja-se de acordo com a realidade dos alunos, partindo da sua própria vivência, apesar de não ter todas as inovações tecnológicas, mas tenta inseri-los em uma sociedade mais informatizada, essa por sua vez, conta com uma renda chamada de PDE, verba criada para investimentos de materiais didáticos entre outros recursos, a Escola Galdino Pires Ferreira foi contemplada com essa ajuda de custo, assim, não significando Escola precisa de mais recursos financeiros.

Apesar dessas dificuldades, a Escola tenta reverter o quadro, criando projetos inclusivos para manter uma aproximação com a família e melhorou as relações com os docentes/discentes e ainda fazendo planejamentos mensais e contando com a colaboração da Secretaria de

Educação do Município que realmente se faz presente na Escola, mais mesmo assim é considerado um grande desafio reverter o alto índice de reprovação dessa comunidade, pois a faixa etária dos alunos que ingressam na primeira fase não corresponde à expectativa da média, pois crianças que deveriam está em outras séries, se estivessem dentro da estimativa, estão ingressando na sua vida escolar, essas por muitas vezes, por repetências ou desistências durante o ano letivo. O processo avaliativo da Escola se dá por meio tradicional, através de provas e recuperação, trazendo assim insatisfação aos alunos que reclamam desse processo de avaliação.

Porém a recuperação dessa comunidade torna-se difícil por serem inculcadas na marginalização e isso afeta dentro da sala de aula, dentro da interior da Escola, sendo muito difícil mudanças, mesmo com todo trabalho, resgatando a cultura, enfocando os temas transversais é difícil retirar dessa população essa baixa auto-estima, as experiências positivas são quase inexistentes, assim consideram o corpo docente.

Portanto, vemos um longo processo inclusivo que a Escola Galdino Pires Ferreira enfrenta, em tentar retomar essa situação, em cativar o interesse dos alunos para a sala de aula e mais ainda o incentivo e acompanhamento dos pais na vida escolar das crianças do Bairro Capoeira e São Francisco que são localidades que a Escola contempla.

6.3 Análise dos Dados

Percebemos, ao fazer as análises dos questionários, que 75% dos docentes atuam entre um espaço de 06, 07 e 08 anos, portanto podemos considerá-los como recém chegados na profissão. Desta forma, os 25% dos docentes investigados possuem 15 anos de atuação, o que nos leva a crer estes tem uma familiaridade maior acerca do espaço escolar.

É importante destacar que 100% dos professores apresentam formação superior; professor A é formado em Pedagogia. Professor B tem Licenciatura Plena em Biologia. Professor C é Licenciado em Pedagogia com especialização em Metodologia do Ensino e o professor D só especificou que possui pós-graduação. Desse modo, acreditamos que diante a formação e qualificação profissional os professores não apresentam aversões a responderem as seguintes questões:

Qual sua concepção de projetos?

O professor A respondeu – “Um norteador na realização das atividades pedagógicas”.

O professor B – “Ir além dos conteúdos programáticos, permitindo o conhecimento e não só o acesso às informações”.

O professor C – “Projeto é um sistema de operacionalização de uma unidade de ação com meios necessários a execução dos objetivos traçados com necessidades a serem desenvolvidas”.

O professor D – “Os projetos são procedimentos metodológicos que auxiliam o trabalho do professor”.

Dentre estas concepções, percebemos que os docentes investigados têm à concepção que os projetos vão auxiliar o trabalho do professor dentro do espaço da sala de aula, oportunizando, como ressalta o professor B, ultrapassar os conteúdos programáticos, possibilitando o aluno a construir o seu próprio conhecimento. Desse modo, S. Neto (1999, p.2) expressa que “O professor, pensando nessa perspectiva, é menos aquele que professa um conhecimento instituído e mais aquele que produz um saber instituinte”. Portanto, a postura do professor como mediador da construção do conhecimento, que por sua vez, abre espaço para uma aprendizagem contínua, inacabada.

Na sua opinião qual a importância dos projetos para o ensino e a aprendizagem?

Professor A – “Facilita o trabalho pedagógico e a prática do processo em sala de aula como também auxilia o ensino/aprendizagem”.

Professor B – “Os projetos possibilitam a diversificação de ações e vivências a fim de explorar atitudes e desenvolver competências”.

Professor C – “O projeto favorece na aprendizagem de uma forma proveitosa, desenvolvendo as capacidades intelectuais do aluno sobre a sua capacidade de resgatar valores, no seu modo de conhecer e aprender”.

Professor D – “Os projetos possibilitam uma integração dos alunos e dos professores com os conteúdos disciplinares”.

Nesse sentido, compreendemos que a perspectiva que os docentes tem a respeito de projetos é que o projeto facilita o trabalho docente, explora o conhecimento dos alunos podendo desenvolver suas competências, além de oportunizar um trabalho coletivo, uma aprendizagem grupal. Desse modo, acreditamos que os professores vêem nos projetos uma metodologia

nova da sala de aula, rompendo com os procedimentos metodológicos extremamente tradicionais.

Como você descreve a relação professor/aluno e projetos a partir da realidade da sua escola?

Professor A – “Além de facilitar o ensino/aprendizagem essa relação irá aproximar ainda mais afetivamente professor/aluno e isso é de suma importância no processo de aprendizagem”.

Professor B – “Cabe à escola e ao educador preparar o aluno para a sociedade dando-lhe estímulos, referências e estabelecendo correlação para a compreensão do mundo que o rodeia. Só assim os alunos se comportarão de maneira consciente, responsável e transformadora da realidade”.

Professor C – “A relação professor - aluno envolvidos no projeto oportuniza integração que favorece o crescimento individual e grupal, além de permitir uma consciência crítica capaz de propor reais soluções”.

Professor D – “Facilita o trabalho do corpo docente além de contribuir para a aprendizagem dos alunos, pois os trabalhos propostos chamam a atenção e integra os alunos”.

Na elaboração desta questão esperávamos que fosse respondido qual a relação que os professores e os alunos tinham com os projetos. Desse modo, os professores responderam de forma ampla, não dissertando ou descrevendo como acontecia o trabalho com os projetos, mas que estes percebem que os projetos chamam a atenção dos alunos, fazendo com que eles se interessem em participar do trabalho e assim pode ser um facilitador da aprendizagem e do desenvolvimento de afetividades. Neste sentido, Nogueira (2001, p.179) corrobora dizendo:

“[...] o projeto pode ser o mecanismo que propicie a interação sujeito-objeto de conhecimento, mediando ainda os fatores motivacionais intrínsecos e necessários para a aprendizagem”. Portanto, os projetos vêm auxiliar no processo da aprendizagem dos alunos de forma que cada indivíduo seja capaz de levantar suas próprias dúvidas, ter suas curiosidades, levando o aluno a fazer suas próprias descobertas.

Você tem alguma preparação para trabalhar com projetos?

100% dos docentes investigados já passaram por alguma preparação para trabalhar com projetos, sendo que 25% destes já participaram de cursos realizados, e 50% afirmam ter participado de mini-cursos e somente 25% afirmam ter participado apenas de palestras

relacionadas ao tema. Portanto, os professores afirmam buscar qualificação profissional alegando ter em vista que para ser educador hoje necessita atender as exigências da sociedade e por isso é necessário buscar cada vez mais aperfeiçoamento profissional. Nesta perspectiva, o educador esta em meio a novas descobertas onde o conhecimento se renova a todo instante, no entendimento de Freire (1996 p.68-69):

[...] a nossa educabilidade bem como a nossa inserção num permanente movimento de busca em que, curiosos e indagadores, não apenas nos damos conta das coisas, mas também delas podemos ter um conhecimento cabal. A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade para nela intervir [...].

É sabido que o professor, diante do pensar de Freire, deve estar sempre aberto a reflexão de sua práxis, buscando aprimorar-se cotidianamente, buscando aperfeiçoar suas habilidades e suas competências já adquiridas ao longo da sua atuação na docência.

Você possui autonomia para participar da seleção dos temas a serem trabalhados nos projetos?

Todos os docentes afirmam participar pelo menos algumas vezes, desses, 50% afirmam sempre participar da seleção dos temas e 50% dizem só às vezes participam da seleção. Percebe-se que os projetos são elaborados muitas vezes sem a participação efetiva dos professores, dessa forma os projetos são elaborados para o professor só executar. Nesta perspectiva Nogueira (2001, p.78) ressalta que:

Na sua grande maioria, esses projetos 'desenhados' e planejados pela coordenação pedagógica em um trabalho solitário, ou seja, a coordenação decide qual será o tema e/ou objeto de investigação, traça posteriormente os objetivos gerais, os específicos, as estratégias e as ações que deverão ser desempenhadas pelos alunos.

O autor nos coloca que os projetos passam a ser um repasse de atividades que a coordenação coloca o professor e os alunos para executar.

Qual o momento que você perceber seus alunos mais motivados pelos projetos?

O professor A e o professor D afirmam que os alunos se mostram mais interessados na execução das tarefas e na apresentação dos resultados. O professor B informa que não há interesse algum por parte dos alunos. O professor C diz que os alunos se mostram motivados na escolha do tema do projeto.

Dentre essas afirmações percebemos que os professores A, C e D de fato trabalham com projetos a partir da colaboração dos alunos que se mantêm envolvidos nos trabalhos de alguma forma. No entanto o professor B, este por sua vez, demonstra que executa as tarefas que a coordenação pedagógica ou não desenvolve o trabalho a partir de projetos, pois ao que parece os alunos não mostram interesse porque o problema não tem o devido empenho no trabalho por meio de projetos. Nesse sentido Nogueira (2001, p.83) faz uma alerta dizendo que:

Os projetos não podem ser encarados como junções de atividades programadas pelo professor o qual sai depois distribuindo deveres aos seus alunos, determinando o que cada um vai fazer, como vai fazer, de que forma vai fazer, etc. É óbvio que isto não é para o aluno um projeto, mas sim mais uma tarefa que alguém determinou que ele realize e justamente por isso alguns (pseudo) projetos não demonstram resultados eficazes e não motivam os alunos.

O professor trabalhando dentro desta perspectiva o aluno realmente não se sentirá motivado, pois é para ele uma obrigação. Desse modo, o papel do professor que é mediador para a realização de um projeto, deve motivar seus alunos na medida que estes encontrem prazer em descobrir algo e produzir seus conhecimentos a partir das suas próprias descobertas.

Quem participa da escolha dos projetos?

Esta é uma questão relevante, na medida que 75% do público investigado responderam que as escolhas dos projetos partem da coordenação e do professor e 15% responderam que a escolha é feita pelo professor. A partir destas informações percebemos que a decisão dos projetos ao está centrada na parte principal a ser trabalhado que é o núcleo discente. Os projetos devem ser escolhidos, elaborados e desenvolvidos centrados nos alunos e com o auxílio dos alunos, desta forma, eles vão se engajando no trabalho de forma eficaz, ao sentirem-se motivados para desenvolver o seu próprio trabalho. A esse respeito Nogueira (2001, p.83) diz: “Reafirmo a necessidade de demonstrarmos ao nosso aluno que o projeto é dele e o maior beneficiado com as descobertas e com as produções será ele próprio, independente de ganhar ou não uma nota final da realização de seu ato de projetar”.

O aluno participa do projeto consciente da importância que ele possui para o desenvolvimento desse trabalho, na medida em que ele se reconhece como o protagonista da realização destas

atividades, independente de uma recompensa mensurável, mas a satisfação da realização do seu trabalho e da sua própria aprendizagem adquirida no decorrer do projeto.

O que acontece ao término da fase de apresentação dos projetos?

Dentre os professores investigados 50% responderão que eles reavaliam os projetos com os alunos e 50% afirmaram que após a apresentação do projeto, ele acaba. Portanto vemos que 50% dos professores agem de forma benéfica no que diz respeito à avaliação de um projeto. Após a apresentação do projeto, é chegada à hora de refletirmos o que realmente deu certo ou não, o que foi legal ou o que se tornou desnecessário, portanto esta etapa no projeto é importante para analisarmos as possíveis falhas como ressalta Nogueira (2001 p.92):

É importante notar que neste processo o 'erro' será precedido pelo próprio aluno, mas não da forma 'traumática' existente normalmente em uma prova corrigida friamente com caneta vermelha, mas sim como algo que 'não está bom' ou 'poderia ter ficado melhor'.

Deste modo percebemos a necessidade da avaliação do projeto para o aluno, no entanto, aquele projeto que tem um fim se si mesmo não se torna um trabalho que favorecerá para a realização de outros projetos, este por sua vez, não teve uma análise, o que não se mostra interessante, não se vê a continuidade.

Você gosta de desenvolver esta prática pedagógica?

100% dos professores afirmam gostar de trabalhar a partir desta prática pedagógica.

Desse modo, foi visível em todos os relatos até agora analisados, que os docentes investigados colocam que os projetos facilitam o trabalho do professor no que diz respeito a aprendizagem na interação do professor com o aluno e na afetividade que surge no meio do trabalho coletivo. Neste sentido, percebemos que o trabalho por meio de projetos não só trabalha os conteúdos disciplinares, mas vem trabalhando os indivíduos que se mantém envolvidos. A esse respeito Freire (1996, p. 113) ressalta:

Se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros de cima para baixo, sobretudo, como se fossemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles.

Percebemos que o trabalho pedagógico desenvolvido por meio de projetos vai oportunizar a aprendizagem aos alunos, mas também ao professor mediador que também assume a postura de aprendiz diante do universo de pesquisas criado pelos alunos.

Para desenvolver esta prática pedagógica há o apoio de toda a comunidade escolar?

O público – alvo investigado mantém-se dividido, na medida em que 50% desses diziam que recebem sim o apoio de toda a comunidade escolar e 50% que só as vezes recebem o apoio. Podemos observar que muitas vezes os trabalhos são desenvolvidos isoladamente, sem grades contribuições dos que fazem à escola, o que viria a ser uma necessidade, porque a escola e os problemas existentes nela, acabam afetando todos os que dela fazem parte. Segundo Nogueira (2001, p. 187), “O coletivo e o cooperativo são palavras que não podem estar desvinculadas desta prática”. Nesse sentido, observamos que diante do desenvolvimento do trabalho pedagógico a partir de projetos, é fundamental o comprometimento de todos aqueles que compõem a intitulação escolar.

6.4 – Vivências e práticas docentes

A atividade docente requer do professor competência e habilidade para mediar a aprendizagem do educador. Nesse sentido, há a necessidade maior do professor, além de se qualificar, de estar sempre fazendo a reflexão da sua prática a partir do seu cotidiano em sala de aula. Lima (2003, p. 37) corrobora que:

Assim, o professor tem com a sua profissão, o compromisso ético de estar atento às modificações que se fazem na e a partir do seu trabalho docente, tanto com os seus alunos, como na sua prática atividade. Englobam-se aqui, o papel social da escola, o trabalho de todos os professores, dos alunos, pais, comunidade dentro da sociedade em contínuo processo de transformação.

A reflexão que a autora nos leva a fazer ficou mais visível no estágio supervisionando, a necessidade de trabalhar as teorias na prática quando se pretende atender a heterogeneidade de uma sala de aula.

No primeiro dia do estágio de professora fiz as apresentações dos alunos, para que a estagiária pudesse conhecê-los, a partir de uma dinâmica usando o próprio nome dos alunos.

Fazendo a dinâmica com os crachás, observando o nível de leitura em que os alunos se encontravam, nível esse bastante inferior para alunos de uma segunda série. A professora auxiliou a dinâmica e participou ajudando aos alunos identificar o seu nome no crachá devido muitos não reconhecerem seu próprio nome.

Após as apresentações, foi trabalhado a memorização dos nomes por cada aluno, para análise do nível de memória, algo que foi satisfatório. No segundo horário (09:30), a professora iniciou atividades de matemática, cópias de equações do livro didático, os alunos demonstraram-se insatisfeitos em fazer cópias no caderno do que já havia no livro didático. A aula teve inúmeras interrupções devido os alunos não quererem sempre brincar no pátio da escola ao invés de permanecer em sala para fazer as atividades propostas por ela.

No segundo dia iniciamos a aula trabalhando a disciplina de português a partir da música “Asa Branca” (Luiz Gonzaga/Humbert Teixeira). Foi possível cantar a música, escrever a letra e interpretá-la e contextualizá-la mediante ao que os alunos colocaram do seu cotidiano, da sua região, explorando dessa forma os conhecimentos prévios que cada um possuía.

Após o intervalo, a professora copiou no quadro as atividades de matemática para fazer a correção da tarefa de casa e em seguida copiou novas equações. Os alunos não demonstraram muito entusiasmo, pois reclamaram ser chato copiar coisas do quadro no caderno, por essas atitudes a professora acabou expulsando um aluno de forma um tanto agressiva alegando que “os alunos não querem nada” e faz ameaças de entregá-los ao conselho tutelar. A prática da professora é constante, ela justifica essa atitude como controle de sala de aula. Mas enquanto a professora faz cópias no quadro os alunos se dispersam das aulas brincando uns com os outros, portanto é visível a insatisfação dos mesmos com as aulas.

No terceiro dia a professora não veio e a estagiária assumiu a sala de aula por tempo integral. No início da aula começamos com uma história, “A ratinha presunçosa”, os alunos adoraram a história e recontaram com suas próprias palavras de forma oral o que proporcionou trabalhar o nível interpretativo de cada um. Após esse primeiro momento, eles desenharam o que acharam de mais interessante na história e logo pediram para expor seus trabalhos na sala. Ao finalizar as apresentações dos trabalhos na sala, relemos a história mais duas vezes, onde

todas, mesmo aqueles que apresentavam dificuldades de leitura se propuseram a ler, os alunos que não conseguiam fazer a leitura decodificada contavam a história ao seu modo.

No segundo momento, após o recreio os alunos voltaram muito eufóricos, inviabilizando trabalhar com eles. Trabalhamos com fichas que continham equações, fichas coloridas, assim todos participaram das atividades, escolhendo as equações a parti da sua cor preferida. No decorrer de todas as aulas observa-se que alguns alunos apresentam momentos de violência física, principalmente os de idade diferenciada com relação a idade exigida na sua serie.

No quarto dia começamos a aula um tanto turbulenta, os alunos já entraram na sala eufóricos querendo quebrar as carteiras e se agredindo fisicamente uns como outros. Ao iniciarmos as atividades de português os alunos se recusaram a participar alegando estarem cansados. A atividade de formar palavras com letras recortadas de revistas e jornais não despertou a motivação, porem mesmo assim concluímos a atividade, a pesar de os alunos quererem cortar o cabelo da estagiaria no momento da atividade.

Na volta do recreio a professora se ausentou da sala de aula alegando a participação da mesma em uma reunião de sindicato. A estagiaria permaneceu em sala com os alunos. Após alguns instantes acabou percebendo que alguns alunos estavam armados de estilingue para apedrejar o guarda da escola, dessa forma acabou quase impossível a realização das atividades que seriam desenvolvidas no decorrer do segundo horário.

O quarto dia demos inicio a aula com a leitura oral das fabulas, “A formiga e a Cigarra” e “A tartaruga e a lebre”. Os alunos demonstraram satisfação em ouvirem as fabulas, assim trabalhamos a moral de cada uma e também a parte gramatical extraída do texto. Após esse primeiro contato com as fabulas os alunos recontaram a historia da forma que eles haviam compreendido, muitos preferiram recontar a parti de desenhos.

No segundo horário a escola liberou os alunos em decorrência de uma reunião interna como os funcionários.

No sexto dia, continuamos o trabalho da aula passada, a partidas fabulas, mas hoje usamos as mesmas fabulas com o recurso de áudio, utilizamos as fabulas em DVD. Trabalhamos ainda os tipos de animais e suas classificações, a vegetação, o clima, a gramática e o raciocínio

lógico matemático na resolução dos jogos que tinha no DVD. Contamos e depois recontamos as músicas de acordo com o que cada um conseguiu extrair delas.

No sétimo dia, a professora conduziu a aula inteira sem o auxílio da estagiária. A sala de aula ficou estruturada com cadeiras enfileiradas e por isso uma aluna fez a observação questionando se não ia fazer o círculo ao qual estavam habituados a trabalhar nos últimos dias. Foi espantosa a resposta da professora: “A estagiária não vai brincar hoje com vocês, a aula será normal e não tem necessidade de fazer uma roda”. A professora se refere ao trabalho que a estagiária vêm desenvolvendo como uma brincadeira, algo que não contribui na aprendizagem dos alunos.

Ao acompanhar as aulas, foi possível observar que a professora não faz plano de aula devido a professora abrir de forma aleatória o livro didático e escolher um texto para fazer a cópia, segundo ela só assim os alunos permanecem quietos, na sala de aula. Depois de fazer a cópia do texto escolhe palavras totalmente desconectadas do texto trabalhado e pede para os alunos dar o feminino. No segundo horário, elabora de imediato equações de multiplicação, mas a atividade foi interrompida pela diretora que veio mandar a professora trabalhar o dia da bandeira do Brasil.

No oitavo dia, começamos a trabalhar no desenvolvimento de um projeto de leitura e escrita. Dividimos a sala em 3 equipes para trabalhar a partir de apresentações teatrais. Primeiro conversamos sobre as modalidades de teatro e como iríamos planejar, a estagiária e os alunos, o desenvolvimento das histórias infantis a partir de teatros. Os alunos demonstraram muita empolgação e todos queriam participar, assim decidimos trabalhar com o teatro de fantoches, o cineminha e a dramatização oral.

Os alunos ficaram eufóricos e curiosos em trabalhar a partir do teatro. O primeiro grupo escolheu trabalhar com o cineminha, escolheram a história da “Bela e a fera” para recontar, desenhar, pintar e montar o cineminha. O segundo grupo preferiu trabalhar com os fantoches, em seguida recontaram a história da “pequena Sereia” e se propuseram a desenhar, pintar e recortar os fantoches. A terceira equipe ficou com o compromisso de construir uma história e dramatiza-la, assim criaram o casamento da princesa.

No nono dia a professora iniciou a aula com um texto retirado do livro didático, depois ela copiou a interpretação do texto no quadro para os alunos fazerem no caderno, essa atividade ocupou todo o tempo do primeiro horário, No segundo horário, a escola liberou os alunos em decorrência de uma palestra para o núcleo docente com relação a pedagogia dos projetos. Essa palestra foi mediada pela professora Ms. Gerlaine Belchior, da Universidade Federal de Campina Grande. O projeto desta palestra foi trabalhar com os professores o que vêm a ser a palestra da pedagogia do projetos. Surgiu a necessidade dessa palestra quando a estratégia percebeu que para os professores da escola seu trabalho a partir do projeto de leitura e escrita desenvolvido com teatro era visto como uma brincadeira. Em meio a isso, foi necessário trabalhar não só com os alunos, mas com todos na escola.

No décimo dia a aula foi iniciada com as primeiras atividades concretas da montagem das apresentações, assim cada equipe se reuniu para melhorar suas histórias e produzirem suas matérias necessárias. Essas atividades ocuparam o primeiro horário por completo. No segundo horário a professora aplicou uma avaliação de matemática. No decorrer dos dias a professora só permitiu trabalhar um horário com as equipes, pois segundo ela tomaria muito tempo deles e atrapalhava a aprendizagem dos mesmos, além de professora só permitir a realização do trabalho com uma equipe por vez, para ela trabalhar com todos ao mesmo tempo tumultuava a sala de aula, colocando dessa forma, a estagiaria com cada equipe para trabalhar na sala dos professores.

No décimo primeiro dia, nos desenhamos quase todos os personagens da história da “Bela e a Fera”, os alunos demonstravam muita motivação na confecção dos materiais e os ensaios e no segundo horário a professora titular assumiu integralmente a sala de aula, a estagiaria apenas acompanhava as aulas sem fazer intervenções.

Até a culminância do projeto e o encerramento do estagio supervisionado, tivemos ainda 16 encontros e todos nós trabalhamos na confecção e nos ensaios das apresentações. Ao todo nos tivemos 27 encontros, esse foi todo período do estagio supervisionado. Até o termino das atividades.

Os alunos tiveram a oportunidade de trabalhar varias disciplinas além da leitura e a escrita. Trabalharam o tipo de clima que encontramos nas historias, os cálculos para confeccionar o material que iríamos utilizar além de trabalhar a socialização dos alunos, já que estes

apresentavam momentos de violência física quando se mantinham em grupos. Nesse sentido, foi possível desenvolver um trabalho de natureza interdisciplinar. A esse respeito Rios (2001, P 58) acrescenta:

A ação interdisciplinar guarda um sentido de organização. Poderíamos pensar, analogicamente, em um corpo, cujos órgãos com sua função diferenciada, realizam conjunta e harmonicamente uma tarefa. Ou ainda, pensar em corpos diferenciados que se organizam para um trabalho comum, com o que aconteceu na escola.

Percebemos que o trabalho a partir da realização das atividades em grupo e de forma interdisciplinar oportuniza aos alunos a compreensão de novos conhecimentos além de cada indivíduo dar a sua contribuição naquilo que for possível até a concretização do trabalho, como nos colocou Rios (2001) em afirmar que mesmo com uma função diferenciada, o trabalho em grupo oportuniza a realização conjunta do trabalho desenvolvido de forma integradora e na maioria das vezes com sucesso em sua realização.

7 CONCLUSÕES

A idéia de projetar está na essência do ser humano racional e consciente de ser inacabado, o que Freire coloca como incompletude do seu meio para atingir algo desejável, algo que subsidie suas necessidades e seus anseios. Nesse sentido a Pedagogia dos Projetos busca a construção própria do ser humano, onde o homem permanece em inter – relação com o mundo no qual é levado a procurar possibilidades ao mesmo tempo em que as produz.

A Pedagogia dos Projetos possibilita o individuo a ultrapassar os limites do cotidiano a procura de novos caminhos e de uma realidade que poderá acontecer. Essa proposta pedagógica apesar de trazer um novo desafio para o professor traz consigo a oportunidade de o aluno torna-se sujeito produtor de seu conhecimento, na medida em que ele recontextualiza seus conhecimentos estabelecendo relações significativas com o seu meio. Portanto, o aprendiz nessa perspectiva necessita buscar informações e transformá-la em conhecimentos. A esse respeito Prado (2002, p 15) expressa que:

A pedagogia de projetos deve permitir que o aluno aprenda fazendo e reconheça a própria autoria naquilo que produz por meio de questões de investigação que lhe impulsionaram a contextualizar conceitos já conhecidos e descobrir outros que emergem durante o desenvolvimento do projeto.

Nessa perspectiva, o aluno descobre seus conhecimentos a partir da relação do aprender fazendo, além de desenvolver competências e habilidades interpessoais para aprender de forma coletiva. Desse modo, permite o aluno ser responsável pela sua própria aprendizagem.

A Pedagogia dos Projetos é, portanto uma proposta de mudança na educação no sentido de pensar o trabalho do professor e do aluno, do ensino e da aprendizagem de forma integradora, envolvendo os diversos saberes e as diversas culturas existentes na sala de aula. Ainda propõe que o aluno seja o principal foco do ensino, um ensino voltado para a formam de sujeito autônomo capaz de fazer suas próprias descobertas.

Durante as visitas de observação na Escola Galdino Pires Ferreira, percebemos que o grande problema mantêm-se centrado na dificuldade da leitura e da escrita. Desse modo, surgiu a curiosidade de pesquisar o que realmente acontece para tanta dificuldade na aprendizagem desse processo.

Portanto, diante dessas dificuldades teremos analisar as contribuições que a pedagogia dos projetos oportuniza no espaço da sala de aula. Dessa forma o processo da leitura e da escrita será trabalhado com os alunos de forma que eles tornem-se responsáveis pelo seu próprio trabalho, portanto o trabalho pedagógico elaborado por eles mesmos será de fundamental importância para o desenvolvimento no processo de ensino e da aprendizagem. Portanto ansiamos ainda em compreender a desmotivação dos discentes no momento da codificação e decodificação no processo de ensino.

O estágio desenvolvido na escola Galdino Pires Ferreira oportunizou analisar as contribuições dessa proposta pedagógica. Nesse sentido, partindo da Heterogeneidade de uma sala de aula o trabalho na perspectiva de projetos, veio integrar os diferentes saberes na medida em que os alunos trabalharam coletivamente favorecendo a construção de um universo cognitivo e afetivo, possibilitando um dinamismo social dos diferentes contextos de vida encontrados na sala de aula.

Portanto, é plausível dizer que a Pedagogia dos Projetos auxilia o trabalho docente enriquecendo o espaço complexo que é a sala de aula, oportunizando o aluno a assumir a postura de protagonista do ensino. No entanto, o que vemos nas escolas é que o trabalho desenvolvido por projetos não contempla os reais propósitos da Pedagogia dos Projetos. O trabalho é realizado na escola de forma desconexa, os projetos são feitos apenas para contemplar datas comemorativas, e são com vista a atender as exigências das secretarias municipais de educação. Nesse sentido, podemos afirmar que o trabalho realizado a partir de projetos tornou-se um modismo no ambiente escolar.

O trabalho em sala de aula começa desde a observação até as inferências práticas, nos oportunizando um contato direto com um espaço heterogêneo o qual nos traz o primeiro desafio no ato de lecionar. Ao longo da graduação as teorias do ensino, sobretudo as do ensino tradicional, nos prepara para atuar num molde escolar como se a sala de aula fosse padrão e estas um receituário que deva ser seguido. No entanto, baseado no modelo construtivista o docente adentra o espaço complexo da sala de aula se defrontando com todos os fenômenos e divergências sociais, sendo de incumbência do educador, a partir da heterogeneidade da sala de aula, junto ao educando construir o conhecimento. Diante disso o docente assume a postura de mediador do conhecimento.

O aluno habituado com a metodologia do professor titular espera do estagiário uma inovação no modelo de ensino a partir de dinâmicas que mudem o cotidiano do espaço escolar, já o professor espera que esse estagiário dê seqüência ao seu trabalho. Deste modo, ao estagiário fica o desafio, em um curto espaço de tempo, mediar o que espera a turma e o que cobra o professor, e neste equilíbrio construir o conhecimento.

Em nossa formação acadêmica aprendemos conceitos pedagógicos que esperamos ser aplicados a sala de aula, porém o estágio possibilita ao graduando a experiência prática do ato de lecionar, onde a cada dia somos aprendizes capazes de transformar informações processando-as em formação ao individuo.

8 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Biancocini de. **Como se trabalha com projetos** (entrevistas). Revista TV escola. Secretaria de Educação à distância. Brasília: Ministério de Educação, Seed, nº. 22, março/abril, 2002.

CAMBI, Franco. **História das Pedagogias** – São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á pratica educativa**. São Paulo: PAZ e TERRA, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, 9º ed. Rio de Janeiro, PAZ e TERRA, 1981.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Novo Hamburgo: FEVALE, 2003.

GHIRADELLI, Jr, Paulo. **Historia da educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e Mudança na Educação: Os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LIMA, Maria Socorro Luciana, **A hora da pratica: Reflexões sobre o estagio supervisionado e ação docente** _ 2º ed, Fortaleza: Edições Demócrito rocha, 2001.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **O Prazer de conhecer**. 2º ed, Ver. e atual _ Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos Projetos: Uma Jornada Interdisciplinar rumo o desenvolvimento das múltiplas inteligências**. Érica, São Paulo, 2001.

PRADO, Maria Elisabetti Brisola Brito. **Integração das tecnologias na Educação/ Secretaria de Educação a distancia**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e ensinar por uma docência da melhor qualidade**, 2º ed, São Paulo, 2001.

SÀ, Celso Pereira de. **A construção do objetivo de pesquisa em representações sociais**, Rio de Janeiro: EDVERJ, 1998.

S.NETO, Manoel Fernandes de. **A aula**. Texto elaborado para aula Inaugural do curso de geografia da UFC. Setembro de 1999. UFC/CE. Digitado.

VALENTE José Armando. Formação de Professores: Diferentes abordagens pedagógicas. In VALENTE, José Armando (org) **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: Unicamp – NIED, 1999.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
DISCIPLINA: PRÁTICA III
PROFESSORA: MS. LIS DE MARIA MARTINS TORRES
Ms. MARIA DE LOURDES CAMPOS

Caro professor (a)

Solicitamos a você que responda o questionário que segue. O mesmo faz de um estudo sobre a avaliação da aprendizagem na escola, como requisito indispensável para a Disciplina Prática III do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande.

Ressaltando que suas respostas servirão apenas para fins acadêmicos e serão mantidas em absoluto sigilo.

Esperamos contar com a sua colaboração.

Atenciosamente: Matilde Gonçalves Mendes

TEMPO QUE ATUA COMO PROFESSOR _____
 FORMAÇÃO () NÍVEL MÉDIO/QUAL? _____
 () NÍVEL SUPERIOR/QUAL? _____

1 – Qual sua concepção de projetos?

2 – Na sua opinião qual a importância dos projetos para o ensino e a aprendizagem?

3 – Como você descreve a relação professor/aluno e projetos?

4 – Você teve alguma preparação para trabalhar com projetos?

() cursos realizados () minicursos
 () oficinas () não fiz nenhuma capacitação

5 – Você possui autonomia para participar da seleção dos temas a serem trabalhados nos projetos?

() sempre () não trabalho com projetos
 () as vezes () não participo
 () quem define a temática dos projetos é a coordenação pedagógica

6 – Qual o momento que você percebe seus alunos mais motivados pelos projetos?

() na escolha do tema () na execução das tarefas
 () na apresentação dos resultados () não há interesse por parte dos alunos

7 – Quem participa da escolha dos projetos?

() os alunos e o professor () a coordenação e o professor
 () a coordenação () o professor
 () não trabalhamos com projetos

8 – O que acontece ao término da fase de apresentação dos projetos?

- o professor reavalia com os alunos
- a coordenação faz a análise do projeto
- não realizamos esta fase
- após a apresentação o projeto

9 – Você gosta de desenvolver esta pratica pedagógica?

- sim as vezes
- não é muito trabalhoso

10 – Para desenvolver esta prática pedagógica há o apoio de toda a comunidade escolar?

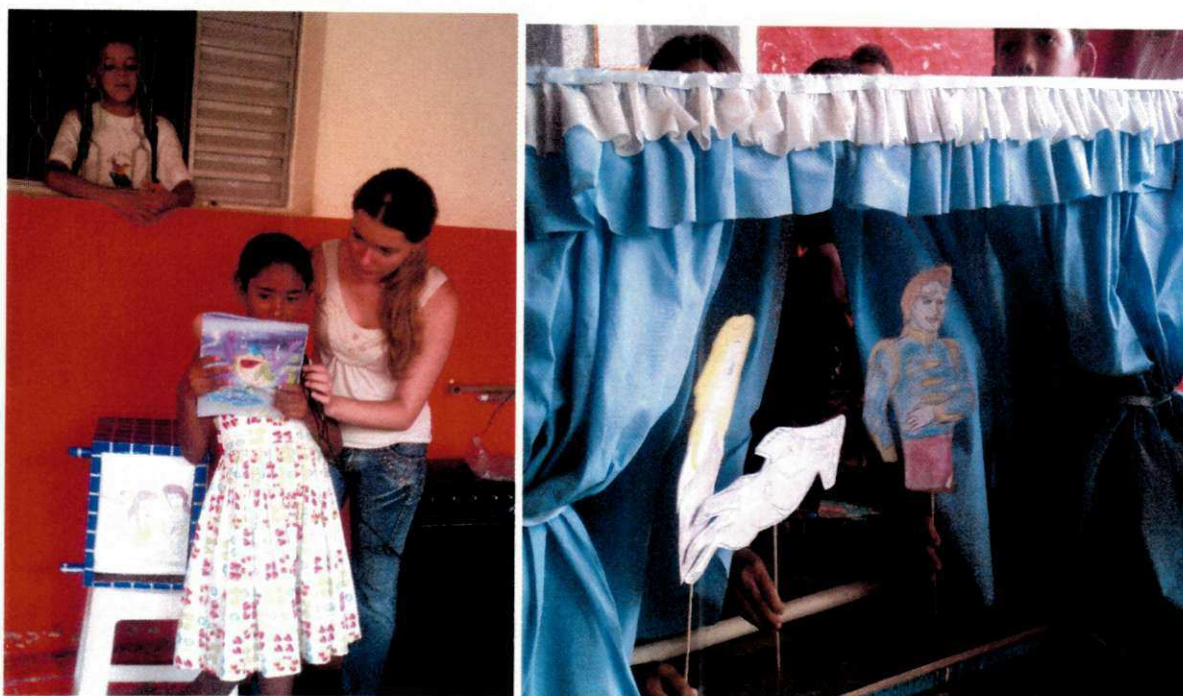
- sim não
- as vezes somente a coordenação e a diretoria



Aluna produzindo fantoches para a apresentação teatral.



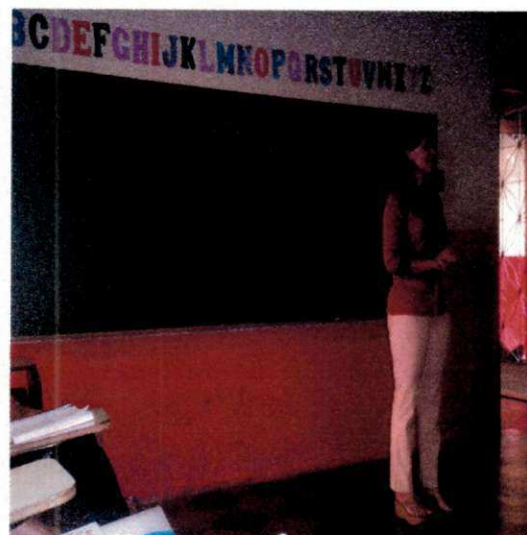
Alunos em confecção de materiais.



Culminância do projeto de leitura e escrita.



Apresentação do cineminha.



**Palestra sobre a Pedagogia dos
Projetos.**



Escola de Ensino Infantil e Fundamental Galdino Pires Ferreira